

ARQUEOLOGIA ESPERA POR MARCOS PARA REINICIAR PESQUISAS PRÉ-HISTÓRICAS

O Setor de Arqueologia da Divisão de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas está praticamente paralisado até o regresso do arqueólogo Marcos Albuquerque que que, em Portugal, está fazendo um estudo da Cerâmica da Citânia de Briteiros, com duração de três meses, a fim de estabelecer uma comparação com a pré-história do Nordeste.

Num salão amplo e cheio de objetos antigos espalhados nas mesas, Veleda Lucena, assistente dos trabalhos do arqueólogo desenvolve um estudo ecológico — do meio — com os dados obtidos durante os trabalhos de escavação realizados na Fortaleza de Orange.

TRABALHO

Explica Veleda que, do material colhido na fortaleza de Orange, na ilha de Itamaracá, fundamento, braços, medalhas, etc. o arqueólogo Marcos Albuquerque está

fazendo um estudo comparativo através de pesquisas nos museus de diferentes cidades em Portugal. Com isto será possível fazer a datação exata de todos os objetos trazidos da ilha de Itamaracá ao mesmo tempo em que, a Arqueologia, ciência auxiliar da História, prestará sua colaboração no sentido de determinar com precisão os acontecimentos que se desenvolveram naquele recanto.

Quando do regresso do arqueólogo, previsto para junho, o Projeto Flamengo será dirigido para o Forte de Nazaré no Cabo de Santo Agostinho, a fim de complementar os trabalhos referentes à dominação holandesa no Nordeste.

Quanto à pré-história, outra parte do programa do Setor de Arqueologia, está em estudos a fim de ser delimitada a área onde o arqueólogo, assistido por estudantes da Faculdade, irá pesquisar.

ECOLOGIA

Os primeiros resultados ob-

tidos por Veleda Lucena e que estão sendo reunidos num trabalho escrito, faz referência à presença do português em Itamaracá e a facilidade com que se adaptava ao meio e aos alimentos encontrados para sua subsistência que, qualitativamente, não eram deficientes.

Assim, as proteínas eram fornecidas através da ingestão de ostras, crustáceos, peixes e caça, enquanto as reservas energéticas eram equilibradas graças ao açúcar que consumiam, pois na ilha já existia um engenho, de farinha de mandioca, produzida pelas primeiras casas de farinha. Além disso, os portugueses que guarneciam o forte, antes da invasão dos flamengos, encontravam com abundância na ilha, cajus, mangas e côcos o que, de certo modo, afastavam o perigo de avitaminoses.